

Relação entre desvios fonológicos e consciência fonológica

letrônica

Gabriele Donicht* ; Gracielle Tamiosso Nazari**

1 Introdução

A fonoaudiologia sempre se interessou pela aquisição da linguagem infantil e vem desenvolvendo trabalhos conjuntamente com estudiosos de diversas áreas, como a linguística.

Alguns estudos referentes à aquisição da linguagem e de interface entre fonoaudiologia e linguística, são os que dizem respeito à fonologia clínica, ou seja, pesquisas sobre a aquisição fonológica de crianças, seja ela normal ou desviante.

Pesquisas nessa área são fortemente realizadas no sul do país, em especial no Rio Grande do Sul. De acordo com Hütner (2006), pode-se situar em 1983, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), dentro do Centro de Pesquisas sobre Aquisição e Aprendizagem da Linguagem (CEAAL), o início das pesquisas na área da Fonologia Clínica no Brasil. Os primeiros trabalhos foram feitos por Mehmet Yavas, que na década de 80 e início dos anos 90, orientou os primeiros trabalhos, incluindo os das autoras Regina Lamprecht (1986, 1990) e Carmen Hernandorena (1988, 1990), que deram seguimento a esta linha de pesquisa, juntamente com linguistas e fonoaudiólogos.

Ainda segundo Hütner (op.cit.), a contribuição desses pesquisadores está relacionada à ênfase colocada na necessidade de teorização, ou seja, não basta apenas localizar os erros produzidos na fala de crianças, mas sim, buscar uma explicação linguística para eles. Dessa forma, os erros passam a ser de caráter linguístico e não articulatorio propriamente dito.

Assim, nas últimas décadas, vem-se adotando uma postura diferente quanto à visão dos desvios de fala, sendo que se passou de uma visão puramente articulatoria para a adoção

* Fonoaudióloga, com Especialização em Fonoaudiologia (UFSM), Mestrado em Distúrbios da Comunicação Humana (Programa de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação Humana – UFSM) e Doutoranda em Linguística Bolsista - CNPq (Programa de Pós-Graduação em Letras – PUCRS).

** Fonoaudióloga, com Especialização em Alfabetização - O Jogo da Leitura e Escrita (PUCRS) e Mestrado em Linguística (Programa de Pós-Graduação em Letras – PUCRS).

de uma concepção fonológica, na qual o que sofre um desvio, ou afastamento, é a fonologia, a qual faz parte das habilidades necessárias para que a comunicação ocorra de forma efetiva. A partir de então, os desvios dessa natureza começaram a ser chamados de desvios fonológicos.

Esses desvios são fatores que podem vir a prejudicar o desempenho escolar de algumas crianças, com trocas e omissões em suas falas. Outro fator que pode ser prejudicado pela aquisição fonológica desviante é a consciência fonológica, que é a capacidade de manipular e refletir sobre os sons da fala (CARDOSO-MARTINS, 1991), auxiliando na aquisição da leitura e escrita. Essa interrelação pode ser explicada em função do componente fonológico, que pode estar sendo prejudicado pelo desvio fonológico, estendendo-se para a consciência sobre os sons.

O objetivo principal deste artigo é realizar uma pesquisa, de caráter bibliográfico, a qual reunirá e discutirá os resultados de trabalhos que relacionem os desvios fonológicos, seja pelo seu grau de gravidade, suas abordagens terapêuticas ou o sexo com maior prevalência para tais desvios, e a consciência fonológica, podendo englobar tanto suas diferentes habilidades e tarefas como as propostas de avaliação apresentadas.

2 Consciência Fonológica

A consciência fonológica (CF) é uma habilidade metalinguística específica que se refere à identificação dos componentes fonológicos em uma unidade linguística e à manipulação intencional destes componentes (GOMBERT, 1992; CAPOVILLA & CAPOVILLA, 1997).

Para Cielo (1998), a CF é a habilidade de reconhecer que um signo semiológico consiste em uma sequência de sons individuais. Porém, a CF implica a percepção de palavras enquanto signo verbal, ou seja, a habilidade em refletir sobre fonemas pressupõe a habilidade de refletir sobre signos, mas não o contrário. Na verdade, a CF exige que a criança se concentre na forma, e não no conteúdo, seja na fala ou na escrita (CIELO, 2002).

Segundo Capellini & Ciasca (2000), a CF desenvolve-se gradualmente durante a infância como parte das habilidades metalinguísticas, ou seja, a capacidade de pensar e refletir sobre a linguagem como um objeto, sendo, neste caso, a fonologia o objeto de reflexão.

Conforme definem Moojen et al. (2002), a CF engloba diferentes níveis, como a consciência de sílabas, rimas, aliterações, unidades intra-silábicas (ataque e rima) e fonemas. Por envolver habilidades cognitivas distintas, a CF não deve ser entendida como uma entidade única, mas como um conjunto de capacidades que podem ser avaliadas e desenvolvidas.

Portanto, segundo as autoras (op.cit.), a CF envolve não só a capacidade de reflexão (constatar e comparar), mas também a de operar com esses diferentes níveis de unidades linguísticas: fonemas, sílabas, rimas e aliterações.

Partilhando da mesma concepção, Freitas (2004) afirma que CF, também chamada de metafonologia, envolve níveis linguísticos diferentes, podendo ser testada através de diferentes tarefas e habilidades, como já referido anteriormente.

Flôres (1995) refere que a CF representa um *continuum* de etapas evolutivas sucessivas, mas não necessariamente lineares devido às variáveis intervenientes no desenvolvimento da criança, tais como o ambiente sócio-econômico-cultural, o desenvolvimento biológico e o aprendizado da leitura.

Para Salles (1999), a emergência da CF, assim como da consciência metalinguística, gera discordância entre os pesquisadores. Alguns acreditam que essa habilidade comece ao redor de 3-4 anos, enquanto que outros acham que a emergência ocorre ao redor de 6-7 anos, coincidindo com o início da alfabetização.

Segundo Cielo (2001), há a seguinte hierarquia de surgimento das diversas habilidades em CF: consciência de palavras, de rimas, de sílabas e de fonemas, havendo exceção para a faixa etária de 4 anos, para a qual a sequência inicia-se com a consciência de palavras, seguida pela de sílabas e, finalmente, pela consciência de rima.

Além dos conceitos e níveis de desenvolvimento apresentados acima, existem autores que trazem contribuições referentes aos fatores intervenientes e correlacionados ao desenvolvimento da CF em crianças. Ávila (2004), por exemplo, refere que o tipo de tarefa, aliado ao segmento a ser identificado e à posição que ele ocupa na estrutura da fala, determinará o grau de dificuldade da tarefa e possibilitará analisar o nível metacognitivo do indivíduo, a competência na realização de identificações ou manipulações fonológicas, a qualidade do seu sistema fonológico, os processos subjacentes à capacidade metafonológica (como memória fonológica de trabalho e capacidade de acesso ao léxico mental), as possibilidades de aprendizagem da leitura e escrita na alfabetização, além de auxiliar na identificação de possíveis causas de dificuldades de aprendizagem e nas intervenções necessárias em cada caso.

3 Desvios Fonológicos

Até meados dos anos 70, os desvios fonológicos eram vistos pela maioria dos terapeutas de fala como decorrentes de alterações articulatórias, anatômicas, problemas funcionais, o que ocasionava um período mais prolongado de terapia para sua correção. Os

primeiros a concluírem que o que existem são desvios de natureza fonológica foram Compton (1970) e Oller (1973), e desde então o termo desvio fonológico (DF) tem sido adotado como terminologia mais adequada para este tipo de problema.

Ingram (1976) caracterizou as desordens de fala desconsiderando o pressuposto de ser um “distúrbio articulatorio” de ordem puramente motora e, sim, como uma dificuldade em estabelecer, de forma adequada, o sistema fonológico padrão da comunidade linguística da criança.

Para Grunwell (1981), o desvio fonológico evolutivo (DFE) é uma desordem linguística que se manifesta pelo uso de padrões anormais no meio falado da linguagem. As dificuldades de pronúncia nos DF englobam um grande número de sons da fala, principalmente consoantes e encontros consonantais, porém não é possível detectar nenhuma patologia orgânica que seja subjacente à desordem.

Há algumas discordâncias em relação à aquisição fonológica de crianças normais e crianças com desvios. Stoel-Gammon & Dunn (1985) referem que crianças com DF passam pelo processo de aquisição de modo diferente das crianças normais. Para Mota (1990) e Chin & Dinnsen (1992) existem mais semelhanças do que diferenças entre crianças com DFE crianças com desenvolvimento normal. Os autores apontam que as crianças com dificuldades fonológicas têm, em sua maioria, um atraso na aquisição do sistema de sons de sua língua, apresentando padrões de fala semelhantes ao das crianças normais, porém em idades mais avançadas.

Ainda, Grunwell (1981, 1990) refere a possibilidade de serem identificadas em crianças com DFE características clínicas, fonéticas, fonológicas e evolutivas. As características clínicas são: fala espontânea quase completamente ininteligível resultante de desvios consonantais; idade acima de quatro anos, quando se considera que o desenvolvimento fonológico normal já está bastante estruturado; audição normal para a fala; inexistência de anormalidades anátomo-fisiológicas do aparelho fonador; capacidades intelectuais adequadas para o desenvolvimento da linguagem falada; compreensão da linguagem falada apropriada à idade mental; e capacidade de linguagem expressiva aparentemente bem desenvolvida em termos de abrangência de vocabulário.

Verifica-se, dentre as características fonéticas e fonológicas, uma quantidade e variedade restrita de segmentos fonéticos, o que restringe as possibilidades distribucionais; redução de combinações de traços fonéticos; quantidade limitada de fricativas; trocas surdo/sonoro; e estruturas fonotáticas das sílabas reduzidas a CVCV (Consoante-Vogal-Consoante-Vogal). Observa-se inadequada interação comunicativa decorrente da falta de

potencial contrastivo e da variabilidade na realização das palavras. Por isso, o sistema fonológico apresenta limitações, o que torna a fala das crianças ininteligível em maior ou menor grau.

Em relação às características evolutivas, elas referem-se a processos normais persistentes, desencontro cronológico, uso variável de processos, preferência sistemática por um som e processos incomuns (idiossincráticos).

Segundo Lamprecht (2004), dentro do conceito de DF deve-se notar que desvio é um afastamento de uma linha e não um distúrbio ou perturbação, já que há um sistema, embora inadequado. A autora ainda menciona que o desvio ocorre em um dos componentes da linguagem (fonológico) e não no nível articulatorio, e durante o desenvolvimento da criança. A etiologia do desvio é desconhecida, embora haja trabalhos envolvendo possíveis fatores influentes.

O DF pode ser caracterizado quanto à gravidade, bem como quanto às características presentes no sistema fonológico destes sujeitos.

Diversas pesquisas enfatizam a importância de se classificar os desvios fonológicos, tanto qualitativamente (HODSON & PADEN, 1983, 1991; GRUNWELL, 1997; INGRAM, 1997; KESKE-SOARES, 2001; LAZZAROTTO, 2005; LAZZAROTTO-VOLCÃO & MATZENAUER, 2008) quanto quantitativamente (SHRIBERG & KWIATKOWSKI, 1982a; KESKE-SOARES, 2001; BLANCO, 2002).

Hodson & Paden (1983, 1991) estudaram crianças falantes do inglês e classificaram os DF, com base em processos fonológicos, em quatro níveis de inteligibilidade. Em cada nível ocorrem principalmente determinados processos: nível 0, ininteligível, em que a comunicação é estabelecida essencialmente através de gestos, é caracterizado pelas omissões, principalmente de obstruintes e líquidas; nível 1, essencialmente ininteligível, é marcado por omissões de sílabas, de consoantes simples pré-vocálicas, de consoantes simples pós-vocálicas e por apagamento de encontro consonantal; nível 2, algumas vezes inteligível, é caracterizado pelo redução do encontro consonantal e de fonemas estridentes; e nível 3, geralmente inteligível, manifesta alterações não-fonêmicas, como protrusão de língua, incluindo sigmatismos anterior e lateral.

Através de uma perspectiva desenvolvimental, Grunwell (1997) classificou os DF em três categorias: desenvolvimento atrasado, no qual a criança desenvolve um padrão de pronúncia adequado, porém de uma maneira mais lenta; desenvolvimento irregular, em que há a presença de alguns padrões apropriados para a idade e de outros padrões que podem estar atrasados ou adiantados; e desenvolvimento incomum, caracterizado pelo uso de padrões que

são incomuns de ocorrerem no desenvolvimento típico, considerados idiossincráticos ou atípicos.

Partindo da análise das características individuais de crianças com DF, Ingram (1997) apresentou uma tipologia centrada na observação do sistema fonológico da criança e na comparação do sistema em relação ao tamanho do vocabulário da criança. Quatro tipos de padrões de desvio foram determinados: Tipo 1 – com atraso fonológico; Tipo 2 – com fonologias desenvolvimentais distintas; Tipo 3 – com padrões fonológicos influenciados socialmente; Tipo 4 – com desordens no desenvolvimento supralaríngeo.

Keske-Soares (2001) propôs uma tipologia para crianças com DF determinada a partir das características encontradas nos sistemas fonológicos das mesmas. Nesta tipologia, a autora considerou os desvios como: com características incomuns (sistema fonológico bastante defasado, caracterizado por processos incomuns e pela preferência sistemática por um som, tornando o contraste de traços distintivos restrito, o que colabora para uma fala ininteligível), com características iniciais (sistema típico do desenvolvimento inicial na aquisição da linguagem, ocorrendo processos que já deveriam ter desaparecido considerando a idade cronológica da criança), com características atrasadas (com um “simples atraso” em relação à etapa de aquisição, sendo que as alterações geralmente envolvem algumas fricativas, palatais e líquidas, bem como noções de estrutura silábica) e com características fonéticas (apresentam fatores fonéticos que interferem no desenvolvimento e adequação do sistema fonológico, como freio lingual curto, otites frequentes, amígdalas hipertróficas). Pode-se encontrar sistemas específicos que se enquadram em qualquer um dos três grupos.

Lazzarotto (2005), em seu estudo, propôs uma classificação qualitativa do DF, na qual utilizou o traço distintivo como unidade básica de análise. A autora empregou como parâmetro as quatro grandes classes de consoantes constitutivas dos sistemas fonológicos das línguas naturais (plosivas, fricativas, nasais e líquidas), estabelecendo três categorias de sistemas consonantais, representantes de três graus diferentes de DF, a saber: Categoria 1, sistemas consonantais com um nível mínimo de contrastes, na qual estão presentes segmentos representantes das classes [-soante, -contínuo] e [+soante, +nasal], com possibilidade de mais um tipo de coocorrência de traços representativa de uma terceira classe de consoantes; Categoria 2, sistemas consonantais com um nível médio de contrastes, na qual estão presentes os segmentos representantes das classes [-soante, -contínuo], [+soante, +nasal], [+consonantal, +aproximante], com possibilidade de mais um tipo de coocorrência de traços representativa de uma quarta classe de consoantes; Categoria 3, sistemas consonantais com um nível alto de contrastes, embora ainda não apresente todos os contrastes da língua-alvo, há

Letrônica, Porto Alegre v.3, n.1, p. 27, julho 2010.

a presença das classes [-soante, -contínuo], [+soante, +nasal], [+consonantal, +aproximante] e [-soante, +contínuo], com possibilidade de mais um tipo de coocorrência de traços representativa das duas últimas classes a serem adquiridas no processo normal de aquisição da linguagem, segundo a literatura da área, constituídas por consoantes [-soante, +contínuo] e [+aproximante, +consonantal].

No trabalho de Lazarotto-Volcão & Matzenauer (2008), as autoras apresentam uma proposta de classificação do grau de severidade do DF com base em traços distintivos, levando em consideração a natureza fonológica do sistema desviante, já que a proposta de Lazzarotto (2005), quando utilizada com um número maior de sujeitos, pareceu não dar conta da representação de diferenças importantes na formação de inventários fonológicos. Portanto, as autoras reformularam a proposta de Lazzarotto (op. cit.) incluindo uma quarta categoria, ficando assim estruturada:

- Categoria 1: sistemas consonantais com um nível mínimo de contrastes, presença de segmentos representantes das classes [-soante, -contínuo] (plosivas) e [+soante, +nasal] (nasais), com possibilidade de mais um tipo de coocorrência de traços representativa de uma terceira classe de consoantes;

- Categoria 2: sistemas consonantais com um nível médio de contrastes, presença de segmentos representantes das classes [-soante, -contínuo] (plosivas), [+soante, +nasal] (nasais), [+consonantal, +aproximante] (líquidas), com possibilidade de mais um tipo de coocorrência de traços representativa de uma quarta classe de consoantes;

- Categoria 3: sistemas consonantais com um nível médio-alto de contrastes, com a presença das classes [-soante, -contínuo] (plosivas), [+soante, +nasal] (nasais), [+consonantal, +aproximante] (líquidas) e [-soante, +contínuo] (fricativas), sendo que, dentre as duas últimas classes, a quantidade permitida de coocorrência de traços relativos a ponto de articulação é de, no máximo, quatro;

- Categoria 4: sistemas consonantais com nível alto de contrastes, com a presença das quatro classes principais de consoantes (plosivas, nasais, líquidas e fricativas), com a presença de cinco ou mais coocorrências de traços relativos a ponto de articulação.

Lazarotto-Volcão & Matzenauer (2008) ainda classificam a severidade do DF, relacionando à proposta acima explicitada, da seguinte forma: DF leve, crianças que apresentam sistemas pertencentes à Categoria 4; DF moderado, crianças que apresentam sistemas pertencentes à Categoria 3; DF moderado-severo, crianças que apresentam sistemas

pertencentes à Categoria 2; e DF severo, crianças que apresentam sistemas fonológicos enquadrados na Categoria 1.

Shriberg & Kwiatkowski (1982a) foram pioneiros no estudo da gravidade do DF, propondo uma análise quantitativa. Os autores realizaram um estudo retrospectivo no qual classificaram 43 crianças com desvios de fala. A análise baseou-se no cálculo do Percentual de Consoantes Corretas (PCC), o qual foi obtido através da divisão do Número de Consoantes Corretas (NCC) pelo Número de Consoantes Corretas (NCC) adicionado ao Número de Consoantes Incorretas (NCI), multiplicado por cem. A partir do resultado do PCC, o DF das crianças participantes pôde ser classificado como grave ($PCC < 50\%$), moderadamente-grave ($50\% < PCC < 65\%$), levemente-moderado ($65\% < PCC < 85\%$) e leve ($85\% < PCC < 100\%$). Os autores associaram outros parâmetros, para os casos em que os valores eram coincidentes a dois grupos. Além disso, concluíram que a determinação do índice PCC pode contribuir para a escolha das condutas e métodos a serem adotados durante o processo terapêutico. Esta proposta é amplamente utilizada na literatura como parâmetro de determinação da gravidade do DF.

Shriberg et al. (1997) propuseram a Porcentagem de Consoantes Corretas-Revisada, a qual é bastante utilizada e considera como erro substituições e omissões. Esse cálculo é recomendado quando os falantes apresentam idades e características de fala variadas.

Keske-Soares (2001), a partir de seu estudo com 35 sujeitos com DF, utilizou em sua pesquisa o Percentual de Consoantes Corretas (PCC), proposto por Shriberg & Kwiatkowski (1982a), para a identificação da gravidade do DF. A partir disto, propôs diversas análises com base nos “erros” de fala. Os valores estatisticamente significativos encontrados foram: Relação Consoantes Corretas-Incorretas (RCCI); Percentual de Consoantes Omitidas (PCO); Percentual de Consoantes Substituídas (PCS); Percentual de Consoantes Omitidas em Onset (PCO-O) e em Coda (PCO-C); Percentual de Consoantes Substituídas em Onset (PCS-O); Relação Omissão Onset/Coda (RO-O/C); Relação Substituição Onset/Coda (RS-O/C); e Não-naturalidade do sistema fonológico. De acordo com a autora, os índices que devem ser utilizados, para uma análise precisa e confiável dos dados em relação à gravidade do DF, são a RCCI ou o PCC, o PCO e o PCS. Ainda, a partir dos resultados obtidos, a autora propôs as seguintes classificações para o DF: grave ($PCC < 50\%$), moderadamente-grave ($51\% < PCC < 65\%$), levemente-moderado ($66\% < PCC < 85\%$) e leve ($86\% < PCC < 100\%$).

Blanco (2002) caracterizou a gravidade dos DF a partir dos Percentuais de Consoantes Substituídas (PCS) e Omitidas (PCO) de 77 sujeitos com DF. Com a análise do PCS e das substituições em termos de processos fonológicos foi possível a classificação do desvio em:

Predominantemente Severo (PSev), Predominantemente Moderado-Severo (PMod-Sev), Predominantemente Médio-Moderado (PMéd-Mod) e Predominantemente Médio (PMéd). A análise do PCO e das omissões em termos de processos fonológicos permitiu a classificação do desvio em: Predominantemente Severo/Moderado-Severo (PSev/Mod-Sev), Predominantemente Médio-Moderado (PMéd-Mod) e Predominantemente Médio (PMéd).

4 Relação entre Desvio Fonológico e Consciência Fonológica

O desvio fonológico, como já enfatizado, pode prejudicar o desempenho escolar de algumas crianças, visto que uma aquisição fonológica desviante interfere na capacidade metafonológica dos indivíduos, ou seja, a alteração fonológica estende-se para a conscientização dos sons, interferindo, conseqüentemente, na aquisição da leitura e da escrita.

Conforme Magnusson (1990), geralmente as comparações entre crianças com desvios e crianças sem desvios em nível de grupo mostram que as crianças com DF têm um nível de consciência metalinguística inferior ao das crianças normais, isso devido a alguns fatores como: algumas crianças não desenvolvem o tipo de processamento cognitivo necessário para refletir sobre, analisar, julgar ou manipular a língua; ou, ainda, algumas crianças não têm acesso ao seu conhecimento linguístico, enquanto outras, talvez, tenham esse acesso, mas ele caracteriza-se por alguns desvios; também há crianças que não tenham tido o tipo de experiências necessárias para desenvolver a consciência linguística.

Para a autora supracitada (op.cit.), tanto as crianças com desvios como as sem desvios diferem na possibilidade de ter acesso ao seu conhecimento sobre estruturas linguísticas e de torná-las objeto de pensamento. Conforme a autora, as crianças com DF, por terem sua representação fonológica diferente, dão respostas incorretas às tarefas metalinguísticas.

Os DF têm sérias implicações para as aquisições futuras, segundo Mota (2001). Estudos de follow up de crianças com DF revelam melhoras significativas com a idade; no entanto, mesmo durante a adolescência e a idade adulta, esses indivíduos têm performances mais baixas do que os grupos controle em uma série de tarefas de fala, leitura, soletração e de consciência de fonemas.

A seguir serão apresentados resultados de pesquisas que abordaram a relação existente entre desvio fonológico, em diferentes aspectos, e o desempenho de consciência fonológica.

5 Apresentação e discussão das pesquisas sobre consciência fonológica e desvio fonológico

Menezes & Lamprecht (2001) realizaram um estudo que teve como objetivo verificar a existência de uma possível relação entre o nível de CF de crianças com DF e a incidência ou não desses desvios na escrita. As crianças participantes eram em número de 20, sendo 15 do sexo masculino e 5 do sexo feminino, com idades entre 7 e 12 anos, em fase de letramento. Os sujeitos realizaram produções oral e escrita através da Avaliação Fonológica da Criança – AFC (YAVAS, HERNANDORENA & LAMPRECHT, 1991) e realizaram a avaliação de CF proposta por Cardoso-Martins (1991). Além disso, as crianças ainda realizaram o Teste de Consciência do Próprio Desvio de Fala e Teste de Consciência do Próprio Desvio de Escrita, elaborados pelas autoras da pesquisa. Como resultado, as autoras encontraram relação entre a existência de desvios na fala e a existência de desvios na escrita. Também constataram que há relação entre o nível de CF de crianças com DF em fase de letramento e a incidência ou não dos DF na escrita, e ainda os testes de Consciência do Próprio Desvio de Fala e de Escrita comprovaram a existência da consciência quanto ao próprio desvio.

Já Vieira (2001) pesquisou a existência de uma possível relação entre os DF e o desenvolvimento das habilidades em CF de um grupo de crianças com DF emparelhado com um grupo sem desvios. Participaram do estudo 36 crianças, com idades entre 4:7 e 7:6, as quais foram divididas em três grupos (sem escolaridade, pré-escola e primeira série). A autora observou desempenho inferior do grupo com DF em relação ao grupo sem desvio na média geral de acertos da prova de CF. Ainda, nos três níveis de escolaridade, o desempenho quanto à CF do grupo com DF foi inferior em relação ao grupo sem DF. Em ambos os grupos, o desempenho variou em função do nível de escolaridade, com desempenho melhor em subtestes que envolvem consciência silábica de rima e de aliteração em relação aos subtestes que envolvem consciência fonêmica, para ambos os grupos.

A mesma autora (VIEIRA, 2005) investigou o desempenho de crianças com DF nas habilidades de memória de trabalho e em CF. Ela verificou se estas habilidades estavam relacionadas entre si, com a idade cronológica e com a gravidade do DF. Participaram da pesquisa 28 crianças com DF não alfabetizadas, com hipótese de escrita pré-silábica (grupo de 21 com DF mais graves e grupo de sete com DF mais leves), e idades entre 4:0 e 6:7. As avaliações fonológicas realizadas foram utilizadas a fim de determinar o sistema fonológico e classificar a gravidade do DF (medida qualitativa). A avaliação da memória de trabalho constou da repetição de sequência de dígitos e repetição de não-palavras. Já a CF foi avaliada através de tarefas de consciência silábica e fonêmica. A autora constatou que crianças com DF em idade pré-escolar apresentaram pior desempenho em tarefas de CF e memória fonológica do que os grupos de crianças com desenvolvimento fonológico normal. Também crianças

Letrônica, Porto Alegre v.3, n.1, p. 31, julho 2010.

com DF mais grave apresentaram pior desempenho do que crianças com menos alterações na fala, com diferença estatisticamente significativa nas tarefas de CF.

Em pesquisa de Silva, Mota & Keske-Soares (2005), as autoras verificaram a relação entre as habilidades em CF e os índices de substituição (PCS) e de omissão (PCO) em crianças com DF. A amostra constou de 15 sujeitos, sendo sete do sexo masculino e oito do feminino, com DF e idades entre 5:0 e 6:7, e foi dividida em quatro grupos com base no PCC. Foram realizadas a Prova de Consciência Fonológica (PCF) de Capovilla & Capovilla (1997) e o cálculo das médias dos valores do PCS e PCO. Não houve relação entre as habilidades em CF e os índices de substituição e omissão, mostrando que o grau de dificuldade em relação ao aspecto fonológico não interfere na capacidade das crianças em manipular segmentos linguísticos, resultado este contrário aos achados de Vieira (2005).

Freitas (2007) relatou o trabalho que vem sendo realizado desde o início de 2005 com alunos do ensino fundamental, os quais apresentam DFE, no Laboratório de Aprendizagem da Escola Décio Martins Costa, no município de Porto Alegre. Alunos do ensino fundamental com “dificuldades de fala” foram encaminhados por seus professores para integrar turmas de linguagem, nas quais se busca desenvolver a CF e a consciência do próprio desvio de fala e de escrita. A autora afirmou que o trabalho contribui para o crescimento dos alunos com relação à fala e à escrita, servindo como prevenção para um possível insucesso na alfabetização. Além disso, apontou que o professor do ensino fundamental deve estar preparado para trabalhar com crianças com DF.

Mota, Filha & Lasch (2007) verificaram a correlação entre as habilidades de CF e escrita sob ditado de sujeitos que apresentaram DF, após receberem alta do tratamento fonoterápico. Participaram do estudo nove sujeitos, quatro do sexo masculino e cinco do feminino, com idades entre 10 e 14 anos, que cursavam entre a 4^a. e 8^a. séries do ensino fundamental. Esses sujeitos foram avaliados, após receberem alta, quanto à CF, por meio do CONFIAS (MOOJEN et al., 2002), quanto à escrita, através do ditado de palavras (Exame de Avaliação da Linguagem TIPITI). Os resultados mostraram relação entre as habilidades de CF e a escrita. Além disso, as autoras apontaram que as crianças com DF poderão apresentar dificuldades relacionadas à escrita e que essa relação persiste mesmo quando se trata de crianças que foram submetidas à fonoterapia. Destacou-se ainda a importância da atuação fonoaudiológica no diagnóstico e intervenção precoce nos distúrbios da fala, muito comuns em crianças em idade pré-escolar e que, posteriormente, poderão interferir na aquisição e desenvolvimento do código escrito.

Andreazza-Balestrin, Cielo & Lazzarotto (2008) realizaram um estudo com o objetivo de analisar o desempenho em tarefas de CF, de acordo com o sexo e a hipótese de escrita. Os sujeitos participantes eram em um total de 43 pré-escolares, sendo 19 do sexo masculino e 24 do sexo feminino, os quais passaram por uma triagem fonoaudiológica completa (avaliação do nível de escrita - FERREIRO & TEBEROSKY, 1991; e das habilidades em CF - Teste de Consciência Fonológica – CIELO, 2001; 2002). Os resultados encontrados foram de que meninas apresentam maior habilidade em analisar unidades menores, em palavras de maior extensão, o que pode ser sugestivo da possível relação entre o baixo índice de DF no sexo feminino e seu melhor desempenho em CF.

Giacchini et al. (2008) analisaram a relação entre o desempenho em CF e as variáveis sexo e idade em crianças com DF. Participaram do estudo seis sujeitos, quatro meninos e duas meninas, com idades entre 4:0 e 6:0, com DF. Para avaliação das habilidades em CF foi aplicado o instrumento CONFIAS (MOOJEN et al., 2002). Os dados demonstraram que as crianças mais velhas apresentaram resultados médios melhores do que as mais novas em ambos os níveis analisados (sílabas e fonemas). No nível da sílaba, observou-se que os escores obtidos pelos meninos foram iguais ou abaixo dos obtidos pelo sexo oposto, enquanto que no nível do fonema essa diferenciação quanto ao número de acertos esteve atrelado à idade da criança. As autoras puderam concluir que a idade é um fator importante no desenvolvimento da CF ligada ao nível de escrita. Ainda, salientaram que há hipóteses de que o baixo desempenho dos meninos nas habilidades de CF pode ser um fator de risco para os DF e problemas de escrita.

Mota, Dias & Mezzomo (2008) verificaram a relação entre as habilidades em CF com os níveis de escrita pré-silábica (PS) e silábica (S), e com o grau de gravidade do DF. Participaram da pesquisa 14 crianças com DF, com idades entre 5:0 e 6:11. Foram formados dois grupos, conforme o nível de escrita. Quanto ao grau de gravidade do desvio foram formados três grupos, conforme o Percentual de Consoantes Corretas (PCC): Desvio Médio (GDM), Desvio Médio-Moderado (GDMM) e Desvio Moderado-Severo (GDMS). Foram aplicadas tarefas selecionadas do Protocolo de Tarefas de Consciência Fonológica (CIELO, 2001), sendo que se observaram melhores resultados para o grupo de crianças com o nível de escrita silábica. No que se refere ao grau de gravidade do DF, os melhores resultados em habilidades de CF foram apresentados pelos sujeitos do GDMM. Observou-se a ocorrência de uma relação recíproca entre as habilidades em CF e a aquisição da escrita, considerando o nível de escrita. Além disso, não foi possível prever o nível de CF conforme o grau de gravidade do DF, pois o GDMM apresentou resultados mais satisfatórios do que o GDM.

Também, Ribeiro & Mandrá (2008) investigaram o desempenho de crianças com DF com variados graus de gravidade do DF em tarefas de CF e memória de trabalho. Foram selecionadas para o estudo 14 crianças com faixa etária média de oito anos, sendo cinco do sexo feminino e nove do sexo masculino. Aplicou-se o teste de nomeação da parte fonológica do teste ABFW (WERTZNER, 2004) e calculou-se o PCC-R; a memória de trabalho foi avaliada com o subteste de memória sequencial auditiva do ITPA e a CF através do protocolo de Capovilla & Capovilla (2000). Com relação ao grau, 71,4% (n=10) tinham DF levemente-moderado e 28,6% (n=4) moderadamente-grave. As pesquisadoras indicaram que não houve diferença entre os dois grupos quanto ao teste de memória de trabalho e ao teste de CF.

Wertzner & Prado (2008) verificaram o desempenho de crianças com e sem DF nas tarefas de rima e aliteração no teste de sensibilidade fonológica visual (TSFV) e auditivo (TSFA) (HERRERO, 2001), bem como a associação entre esse desempenho e o PCC-R e o índice de inteligibilidade de fala. Participaram do estudo 40 crianças, sendo que 20 constituíram o grupo com DF e 20 crianças constituíram o grupo controle, com idades entre 4:5 e 10:10. Foram aplicadas as provas de fonologia do Teste de Linguagem Infantil ABFW (WERTZNER, 2004); fala espontânea coletada por meio de estória contada a partir de estímulo visual; e testes de rima e aliteração TSFV e TSFA. O PCC-R foi calculado a partir das provas de fonologia e a de inteligibilidade de fala a partir da fala espontânea. A análise estatística evidenciou diferenças significativas entre o grupo controle e o grupo com DF no TSFV e TSFA bem como no PCC-R e na inteligibilidade de fala, sendo sempre inferior o desempenho do grupo com DF. Conforme apontaram as autoras, as diferenças encontradas entre os dois grupos, bem como as correlações entre os testes de CF e índices, mostraram a implicação da inadequada representação fonológica nos indivíduos com DF e suas consequências, principalmente em leitura e escrita.

Souza et al. (2009) verificaram o perfil das habilidades de CF em crianças com DF correlacionando aos processos encontrados. A amostra constou de 17 crianças, 14 do sexo masculino e 3 do feminino, com faixa etária de 5 a 10 anos de idade. As autoras observaram que as habilidades relacionadas à análise silábica foram as tarefas em que as crianças obtiveram o melhor desempenho. Já as habilidades relacionadas à adição, subtração e substituição dos fonemas foram as tarefas em que as crianças apresentaram pior desempenho, bem como as habilidades relacionadas à reversão silábica. Não foi possível estabelecer uma relação direta entre os processos encontrados no DF e a CF. As autoras sugerem que se deve incluir na terapia fonológica a estimulação das tarefas de habilidades de CF, no sentido de

prevenir possíveis dificuldades quando essas crianças forem expostas ao aprendizado de leitura e escrita.

No trabalho de Ceron et al. (2009), as autoras verificaram o desempenho de sujeitos com DF nas diferentes habilidades de CF analisando a interferência do gênero, idade e gravidade do desvio. Foram avaliadas 32 crianças (12 do sexo feminino e 20 do masculino) com diferentes gravidades do DF e idades entre 4:1 a 7:8, que foram submetidas à avaliação fonológica e à prova de CF proposta por Capovilla & Capovilla (1997). As autoras observaram que não há diferenças significativas no desempenho da CF em relação à variável gênero. Ainda, as crianças maiores apresentaram melhor desempenho nas tarefas de CF, o que, segundo as autoras, pode ser explicado pelo fato da maior exposição à linguagem escrita dessas crianças. As crianças com DF grave apresentaram os piores desempenhos na tarefa de segmentação silábica, seguidos pelas com desvio moderadamente-grave, e estas das com desvio levemente-moderado.

Attoni et al. (2009) buscaram comparar os valores encontrados na avaliação de CF (Protocolo de Avaliação das Habilidades em Consciência Fonológica PTCF) e do teste que avalia a discriminação fonêmica (Teste de Figuras para Discriminação Fonêmica TFDF) para medir uma possível relação. Os dados obtidos pelos autores demonstraram relação estatisticamente significativa entre a CF e a discriminação fonêmica em crianças com DF, já que quando a criança apresentava bom desempenho no TFDF também era visto bom rendimento no PTCF, e assim também acontecendo o inverso.

Recentemente, Marchetti, Mezzomo & Cielo (2010) buscaram comparar o desempenho nas habilidades metafonológicas, no nível silábico e fonêmico, entre crianças com desenvolvimento de fala normal e desviante, através do Protocolo de Tarefas de Consciência Fonológica (CIELO, 2001). Participaram da pesquisa 49 crianças com idades entre 4 e 8 anos, sendo 26 do grupo de referência (GR) sem DF e 23 do grupo de estudo (GE) com DF. Com o GE foi realizada a avaliação da consciência fonológica. Segundo as autoras, existe uma diferença estatisticamente significante no desempenho de tarefas de CF entre crianças com desenvolvimento de fala normal e crianças com DF. As autoras referem que as crianças com DF obtiveram pior desempenho nas tarefas de CF do que as crianças com desenvolvimento de fala normal e, ainda, as crianças do GE não conseguiram realizar as tarefas de reversão e segmentação fonêmica.

As mesmas autoras (MARCHETTI, MEZZOMO & CIELO, 2010) compararam o desempenho de crianças com DF que receberam intervenção fonoaudiológica com enfoque fonológico e de crianças com DF que não receberam esta em habilidades de CF. Para tanto, **Letrônica**, Porto Alegre v.3, n.1, p. 35, julho 2010.

foram avaliadas 23 crianças com DF, sendo que 14 delas fizeram parte do Grupo de Estudo 1 (GE1), que recebeu terapia fonoaudiológica, e as outras nove fizeram parte do Grupo de Estudo 2 (GE2), o qual não havia recebido fonoterapia. Todos os sujeitos foram submetidos às avaliações fonoaudiológicas e de CF. Como resultados, as autoras apontaram que das 26 sub-tarefas de CF houve diferença estatisticamente significativa somente na tarefa T7-dissílabas (reversão silábica), confirmando o pior desempenho do GE2. Na análise das médias houve tendência a um melhor desempenho do GE1 em comparação ao GE2. Mesmo os sujeitos que receberam intervenção fonoaudiológica tiveram desempenhos muito baixos.

5 Conclusão

Ainda hoje é um desafio, para os profissionais que trabalham com problemas de fala, fazer com que a criança tome consciência dos sons que está utilizando em sua fala, os quais também, posteriormente, farão parte de seu código escrito.

As habilidades em CF têm-se demonstrado aquém do esperado em crianças com DF, como demonstram as pesquisas. Mostra-se necessário um trabalho de “correção” dos erros de fala para que posteriormente não venham a ocorrer problemas de aprendizagem da língua escrita, principalmente decorrentes de dificuldades referentes à execução de tarefas de CF, que é um fator auxiliar na compreensão do código escrito, demonstrando que oralidade e escrita são processos interrelacionados.

Atualmente existem muitos trabalhos correlacionando a CF e os DF, como os explanados neste artigo. Além da quantidade de pesquisas, torna-se relevante salientarmos a diversidade de variáveis pesquisadas a partir dessa relação DF x CF, como por exemplo, a reincidência DF para a escrita; a comparação de desempenhos de escrita, CF, memória de trabalho em grupos com e sem DF; os desempenhos de CF relacionados aos processos fonológicos em casos de DF; a comparação entre os desempenhos de CF relacionados a sexo e idade em grupos com e sem DF; a relação entre os desempenhos dos níveis de CF e os graus de gravidade do DF; bem como a relação entre as diferentes habilidades de CF e a inteligibilidade de fala no caso de DF e os benefícios da intervenção fonoaudiológica em casos de DF e sua relação com a estimulação e/ou evolução das habilidades fonológicas.

Apesar da quantidade de pesquisas e variáveis possivelmente correlacionáveis, ainda há muito que se pesquisar na área, como outros fatores que podem influenciar o desenvolvimento fonológico e o desempenho em CF. Esse é um vasto campo para pesquisas envolvendo os temas que são de extrema relevância tanto para a aquisição e terapia da linguagem infantil, como para o processo de alfabetização.

Referências

ANDREAZZA-BALESTRIN, Carla; CIELO, Carla Aparecida, LAZZAROTTO, Cristiane. Relação entre desempenho em consciência fonológica e a variável sexo: um estudo com crianças pré-escolares. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, v.13, n.2, p.154-60, abr/jun 2008.

ATTONI, Tiago Mendonça; VIDOR-SOUZA, Débora; KAMINSKI, Tassiana Isabel; MOTA, Helena Bolli. As potencialidades de crianças com desvio fonológico em tarefas de consciência fonológica e discriminação fonêmica. In.: 17º. Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia e 1º. Congresso Ibero-Americano de Fonoaudiologia, 2009, Salvador. *Anais do 17º. Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia*. Salvador: SBFa, 2009. www.sbfa.org.br/portal/anais2009 acesso em: 14 maio 2010.

BLANCO, Ana Paula. *Caracterização do grau de severidade do desvio fonológico a partir de índices de substituição e omissão*. 2002. 70f. Monografia (Especialização em Fonoaudiologia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2002.

CAPELLINI, Simone Aparecida; CIASCA, Sylvia Maria. Avaliação da consciência fonológica em crianças com distúrbio específico da leitura e escrita e distúrbio de aprendizagem. *Temas sobre desenvolvimento*, v.8, n.48, p.17-23, jan/fev 2000.

CAPOVILLA, Alessandra Gotuzo Seabra; CAPOVILLA, Fernando César. O desenvolvimento da consciência fonológica em crianças durante a alfabetização. *Temas sobre desenvolvimento*, v.6, n.35, p.15-21, mês 1997.

CAPOVILLA, Alessandra Gotuzo Seabra; CAPOVILLA, Fernando César. Research on the role of phonology, orthography and cognitive skills upon reading, spelling and dyslexia in Brazilian Portuguese. In.: SMYTHE, Ian; EVERATT, John; SALTER, Robin. *International Book of Dyslexia: a cross language comparison and practice guide*. London: Wiley & Sons, 2002.

CARDOSO-MARTINS, Cláudia. A sensibilidade fonológica e a aprendizagem inicial da leitura e da escrita. *Cadernos de Pesquisa*, v.76, p.41-49, fev. 1991.

CERON, Marizete Ilha; PAGLIARIN, Karina Carlesso; DEUSCHLE, Vanessa Panda; SOUZA, Ana Paula Ramos de; KESKE-SOARES, Márcia. Desempenho de sujeitos com desvio fonológico por tarefa de consciência fonológica. In.: 17º. Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia e 1º. Congresso Ibero-Americano de Fonoaudiologia, 2009, Salvador. *Anais do 17º. Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia*. Salvador: SBFa, 2009. www.sbfa.org.br/portal/anais2009 acesso em: 14 maio 2010.

CHIN, Steven B.; DINNSEN, Daniel A. Consonant clusters in disordered speech: constraints and correspondence patterns. *Journal of Child Language*, v.19, n.2, p.259-285, jun. 1992.

CIELO, Carla Aparecida. A sensibilidade fonológica e o início da aprendizagem da leitura. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v.33, n.114, p.21-60, dez. 1998.

CIELO, Carla Aparecida. *Habilidades em Consciência Fonológica em crianças de 4 a 8 anos de idade*. 2001. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

CIELO, Carla Aparecida. Habilidades em consciência fonológica em crianças de 4 a 8 anos de idade. *Pró-Fono*, v.14, n.3, p.301-312, set/dez 2002.

COMPTON, Arthur J. Generative studies of children's phonological disorders. *Journal of Speech and Hearing Disorders*. v.35, p.315-339, 1970.

Letrônica, Porto Alegre v.3, n.1, p. 37, julho 2010.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. 4ª. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FLÔRES, Onici Claro. Consciência Metapragmática. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, n.100, p.121-137, 1995.

FREITAS, Gabriela Castro Menezes de. Sobre a Consciência Fonológica. In.: LAMPRECHT, Regina Ritter; BONILHA, Giovanva Ferreira Gonçalves; FREITAS, Gabriela Castro Menezes de; MATZENAUER, Carmen Lúcia Barreto; MEZZOMO, Carolina Lisboa; OLIVEIRA, Carolina Cardoso; RIBAS, Letícia Pacheco. *Aquisição Fonológica do Português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia*. Porto Alegre: Artmed, 2004. p.179-192.

FREITAS, Gabriela Castro Menezes de. . In.: LAMPRECHT, Regina Ritter; BONILHA, Giovanva Ferreira Gonçalves; FREITAS, Gabriela Castro Menezes de; MATZENAUER, Carmen Lúcia Barreto; MEZZOMO, Carolina Lisboa; OLIVEIRA, Carolina Cardoso; RIBAS, Letícia Pacheco. Consciência fonológica: trabalhando com crianças que apresentam desvios fonológicos. In.: 1º. SAF Seminário de Aquisição Fonológica. 2007, Santa Maria. *Livro de Resumos do 1º. Seminário de Aquisição Fonológica*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria. 2007. p.19-20.

GIACCHINI, Vanessa; DIAS, Roberta Freitas, MEZZOMO, Carolina Lisboa; MOTA, Helena Bolli. A relação entre as habilidades em consciência fonológica e as variáveis sexo e idade nos desvios fonológicos evolutivos. In.: XVI Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia, 2008, Campos do Jordão. *Anais do XVI Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia* Campos do Jordão: SBFa, 2008. www.sbf.org.br/portal/anais2008 acesso em: 10 nov. 2008.

GOMBERT, Jean Émile. *Metalinguistic development*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

GRUNWELL, Pamela. *The nature of phonological disability in children*. London: Academic Press, 1981.

GRUNWELL, Pamela. Os desvios fonológicos numa perspectiva linguística. In.: YAVAS, Mehmet. *Desvios fonológicos em crianças: teoria, pesquisa e tratamento*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1990. p.51-82.

GRUNWELL, Pamela. Developmental phonology disability: order in disorder. In. HODSON, Barbara Williams & EDWARDS, Mary Louise. *Perspectives in applied phonology*. Gaithersburg, Maryland: Aspen Publishers, 1997. p.61-104.

HERNANDORENA, Carmen Lúcia Matzenauer. *Uma proposta de análise de desvios fonológicos através de traços distintivos*. 1998. 210f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1988.

HERNANDORENA, Carmen Lúcia Matzenauer. *Aquisição da fonologia do português: estabelecimento de padrões com base em traços distintivos*.1990. 305f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.

HODSON, Barbara Williams; PADEN, Elaine Pagel. *Targeting intelligible speech: a phonological approach to remediation*. San Diego: College-Hill Press, 1983.

HODSON, Barbara Williams; PADEN, Elaine Pagel. *Targeting intelligible speech: a phonological approach to remediation*. San Diego: College-Hill Press, 1991.

HÜTNER, Sinara dos Santos. Desvios fonológicos: da articulação à fonologia. In: LIER-DE VITTO, Maria Francisca; ARANTES, Lúcia (orgs). *Aquisição, patologias e clínica de linguagem*. São Paulo: Editora PUCSP, 2006.

Letrônica, Porto Alegre v.3, n.1, p. 38, julho 2010.

INGRAM, David. *Phonological Disability in Children*. London: Edward Arnold, 1976.

INGRAM, David. The categorization of phonological impairment. In.: HODSON, Barbara Williams. *Perspectives in applied phology*. Gaithersburg, Maryland: Aspen Publishers, 1997.

KESKE-SOARES, Márcia *Terapia fonoaudiológica fundamentada na hierarquia implicacional dos traços distintivos aplicada em crianças com desvios fonológicos*. 2001. 193f. Tese (Doutorado em Letras. Área de Concentração – Linguística Aplicada) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

LAMPRECHT, Regina Ritter. *Os processos nos desvios fonológicos evolutivos*. 1986. 172f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1986.

LAMPRECHT, Regina Ritter. *Perfil da aquisição normal da fonologia do português – descrição longitudinal de 12 crianças: 2:9 a 5:5*. 1990. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.

LAMPRECHT, Regina Ritter. Sobre os Desvios Fonológicos. In.: LAMPRECHT, Regina Ritter; BONILHA, Giovanva Ferreira Gonçalves; FREITAS, Gabriela Castro Menezes de; MATZENAUER, Carmen Lúcia Barreto; MEZZOMO, Carolina Lisboa; OLIVEIRA, Carolina Cardoso; RIBAS, Letícia Pacheco. *Aquisição Fonológica do Português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia*. Porto Alegre: Artmed, 2004. p.193-212.

LAZZAROTTO, Cristiane. *Avaliação e planejamento fonoterapêutico para casos de Desvio Fonológico com base na Teoria da Otimidade*. 2005. 192f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2005.

LAZZAROTO-VOLCÃO, Cristiane; MATZENAUER, Carmen Lúcia Barreto. A severidade do desvio fonológico com base em traços. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v.43, n.3, p.47-53, jul./set. 2008.

MAGNUSSON, Eva. Consciência Metalingüística em crianças com desvios fonológicos. In.: YAVAS, Mehmet. *Desvios fonológicos em crianças: teoria, pesquisa e tratamento*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1990. p.109-148.

MARCHETTI, Paula Tavares; MEZZOMO, Carolina Lisbôa; CIELO, Carla Aparecida. Desempenho em consciência silábica e fonêmica em crianças com desenvolvimento de fala normal e desviante. *Revista CEFAC*, v.12, n.1, p.12-20, jan./fev. 2010.

MARCHETTI, Paula Tavares; MEZZOMO, Carolina Lisbôa; CIELO, Carla Aparecida. Habilidades em consciência silábica e fonêmica de crianças com fala desviante com e sem intervenção fonoaudiológica. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, v.15, n.1, p.80-87, jan./mar. 2010.

MENEZES, Gabriela Ribeiro Castro; LAMPRECHT, Regina Ritter. A consciência fonológica na relação fala-escrita em crianças com desvios fonológicos evolutivos (DFE). *Letras de Hoje*, v.36, n.3, p.743-749, set. 2001.

MOOJEN, Sônia; LAMPRECHT, Regina Ritter; SANTOS, Rosangela Marostega; FREITAS, Gabriela Castro Menezes de; BRODACZ, Raquel, SIQUEIRA, Maity; COSTA, Adriana Corrêa; GUARDA, Elizabet. *CONFIAS consciência fonológica: instrumento de avaliação sequencial*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

MOTA, Helena Bolli. *Uma abordagem terapêutica baseada nos processos fonológicos no tratamento de crianças com desvios fonológicos*. 1990. 249f. Dissertação (Mestrado em Letras. Área de Concentração – Linguística Aplicada) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.

MOTA, Helena Bolli. *Terapia Fonoaudiológica para os desvios fonológicos*. Rio de Janeiro: Revinter, 2001.

MOTA, Helena Bolli; FILHA, Maria das Graças de Campos Melo; LASCH, Sabrina Scützenhorfer. A consciência fonológica e o desempenho na escrita sob ditado de crianças com desvio fonológico após realização de terapia fonoaudiológica. *Revista CEFAC*, v.9, n.4, p.477-482, out/dez 2007.

MOTA, Helena Bolli; DIAS, Roberta Freitas; MEZZOMO, Carolina Lisboa. A consciência fonológica em crianças com diferentes níveis de escrita e com distintos graus de severidade do desvio fonológico evolutivo. In.: XVI Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia, 2008, Campos do Jordão. *Anais do XVI Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia* Campos do Jordão: SBFa, 2008. www.sbf.org.br/portal/anais2008 acesso em: 10 nov. 2008

OLLER, D. Kimbrough. Regularities in abnormal child phonology. *Journal of Speech and Hearing Disorders*. v. 38, p.36-47, fev. 1973.

RIBEIRO, Karen Barros; MANDRÁ, Patrícia Pupin. Habilidades de memória de trabalho e consciência fonológica em crianças com distúrbio fonológico com variados graus de severidade. In.: XVI Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia, 2008, Campos do Jordão. *Anais do XVI Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia* Campos do Jordão: SBFa, 2008. www.sbf.org.br/portal/anais2008 acesso em 10 nov. 2008.

SALLES, Jerusa Fumegalli de. *Desenvolvimento da consciência fonológica de crianças de primeira e segunda séries do ensino fundamental de uma escola estadual*. 1999. 93f. Monografia (Especialização em Fonoaudiologia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1999.

SHRIBERG, Lawrence D.; AUSTIN, Diane; LEWIS, Barbara A.; McSWEENEY, Jane L.; WILSON, David L. The percentage of consonants correct (PCC) metric: extensions and reliability data. *Journal of Speech, Language and Hearing Research*, v.40, p.708-722, ago. 1997.

SHRIBERG, Lawrence D.; KWIATKOWSKI, Joan. Phonological disorders I: a diagnostic classification system. *Journal of Speech and Hearing Disorders*. v.47, p.226-241, ago.1982.

SILVA, Ana Paula Silva da; MOTA, Helena Bolli; KESKE-SOARES, Márcia. Relação entre a consciência fonológica e os índices de substituição e omissão no desvio fonológico. In.: XIV Semana Acadêmica de Fonoaudiologia, 2005, Santa Maria. *Anais da XIV Semana Acadêmica de Fonoaudiologia da UFSM*. Campos do Jordão: DAFON, 2005. p.20-21.

SOUZA, Lourdes Bernadete Rocha de; SILVEIRA, Aretuza Katiane; GALVÃO, Roberta Sussuarana. Perfil das habilidades de consciência fonológica em crianças com desvio fonológico. In.: 17º Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia e 1º Congresso Ibero-Americano de Fonoaudiologia, 2009, Salvador. *Anais do 17º Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia*. Salvador: SBFa, 2009. www.sbf.org.br/portal/anais2009 acesso em: 14 maio 2010.

STOEL-GAMMON, Carol; DUNN, Carla. *Normal and disordered phonology in children*. Baltimore: University Park Press, 1985.

VIEIRA, Michele Gindri. *Habilidades em Consciência Fonológica: Desempenho de crianças com e sem desvios fonológicos evolutivos*. 2001. 90f. Monografia (Especialização em Fonoaudiologia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2001.

Letrônica, Porto Alegre v.3, n.1, p. 40, julho 2010.

VIEIRA, Michele Gindri. *Memória de trabalho e consciência fonológica no desvio fonológico*. 2005. 153f. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação Humana) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2005.

WERTZNER, Haydée Fiszbein. Fonologia In.: ANDRADE, Claudia Regina Furquim de; BEFI-LOPES, Debora; FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda; WERTZNER, Haydée Fiszbein. *ABFW Teste de linguagem infantil nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática*. São Paulo: Pró-Fono, 2000.

WERTZNER, Haydée Fiszbein; PRADO, Érika do. Desempenho de crianças com e sem transtorno fonológico em consciência fonológica. In.: XVI Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia, 2008, Campos do Jordão. *Anais do XVI Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia* Campos do Jordão: SBFa, 2008. www.sbfa.org.br/portal/anais2008 acesso em: 10 nov. 2008.

YAVAS, Mehmet; HERNANDORENA, Carmen Lúcia; LAMPRECHT, Regina Ritter. *Avaliação Fonológica da Criança: reeducação e terapia*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.

Recebido em 22/05/2010

Aceito em 27/07/2010

Contato: gabrieledonicht@yahoo.com.br

gracitnazari@hotmail.com